

PROBLEMAS DO BRASIL

Ten.-Cel. ADALARDO FIALHO

XI

EDUCAÇÃO E CULTURA

Merecem louvados os recentes esforços do governo a respeito da alfabetização de adultos. Com efeito, de todos os grandes problemas do Brasil, nenhum sobreleva em importância o da educação e cultura do povo. Pelo recenseamento de 1940, nada menos de 21.295.490 pessoas de ambos os sexos não sabiam ler nem escrever, sobre um total de 41 milhões. Apenas 38% da população brasileira possuía instrução, do grau primário ao superior. Pior. Daqueles 21 milhões de analfabetos, havia 3.842.551, entre as idades de 20 e 29 anos; 2.664.606, entre 30 e 39 e 1.999.760, entre 40 e 49. Esses 3 grupos somam 8.506.917 pessoas na fase da vida em que a Nação tudo pode esperar delas, se capazes. S. Paulo é o Estado de mais alta percentagem de alfabetização (52%) do Brasil, porém, ainda assim, encontram-se ali 2.857.761 pessoas de ambos os sexos que não sabem ler nem escrever. É conflagradora essa situação, da qual só lentamente vamos nos libertando. No orçamento da República, para o exercício de 1947, para uma receita de Cr\$ 12.118.648.000,00, destinávamos ao Ministério da Educação e Saúde apenas..... Cr\$ 969.411.446,00, ou sejam 8%. Para 1948, sobre uma receita de Cr\$ 14.607.320.000,00, destinávamos ao mesmo Ministério..... Cr\$ 1.596.217.538,00, ou sejam

11%. Houve um pequeno aumento de 3%, mas ainda assim a percentagem é pequena em face da massa de analfabetos. Dados extraídos da publicação "Brasil", editada pelo Ministério das Relações Exteriores, revelam que "o país se vem aproximando de uma situação mais lisonjeira no que respeita à organização, à técnica e à administração dos serviços de ensino". O número de unidades escolares passou de 29.948, em 1932 para 49.007, em 1942; o número de professores de 76.025 para 122.871, no mesmo período e o número de alunos de 2.274.213 para 3.834.515. É pouco, ainda pouco. Eis porque não podemos deixar de aplaudir iniciativas como a da alfabetização de adultos. "Nunca antes se tentara entre nós, diz o Presidente Dutra, em mensagem presidencial ao Congresso, a respeito dessa campanha, esforço tão amplo e tão sistematicamente organizado, com o fim de desenvolver a educação popular. Tendo sido prevista a instalação de 10.000 classes no ano findo, em todo o país, acharam-se, entretanto, em funcionamento, ao encerrar-se o exercício, 10.288 mantidas pelo poder público, além de 3.000 outras que foram instaladas por iniciativa particular.

A matrícula nas referidas classes excedeu a 500.000 alunos." Tais notícias, alviçareiras, devem ser

precursoras de maiores e melhores resultados. Uma nação pode possuir algum adiantamento material, como possuímos, mas nunca se alçará às culminâncias do poder e nunca terá real progresso, se a massa de seu povo permanecer iletrada. Os americanos, em Natal, estimavam a capacidade produtiva do trabalhador brasileiro como correspondente a 1/5 da de um trabalhador americano.

Muito recentemente um jornalista americano escreveu que a capacidade de toda a população brasileira correspondia à de 8 milhões, apenas, de habitantes. Os argentinos subestimam também a capacidade dos brasileiros, devido à sua população negra. É que, na realidade, sabem que a nossa população de cor é constituída, em sua grande maioria, de analfabetos. O analfabeto, de fato, diminui a força viva de uma nação. Em vez de aumentar-lhe a produtividade, pesa-lhe na máquina econômica. Não é um verdadeiro cidadão do país. Não pode votar. Não pode influir nos destinos políticos da Nação, aumentando assim as vantagens das minorias muitas vezes nefastas, porém bem organizadas. Incapaz de compreender, nada cria. Não tem ideais. É um inconformado, atribuindo a tudo e a todas as causas de seu fracasso. Assim, muda de profissão como quem muda de camisa. Não se radica, tão pouco. Deixa levar-se pela maré dos acontecimentos. Vai de salto em salto, de desilusão em desilusão. Sua colaboração é ínfima. Uma Nação de analfabetos é corpo só. Falta-lhe espírito e alma. Chama de entusiasmo. Vontade do pioneiro. Uma Nação nessas condições não possui mesmo a consciência de seu próprio destino. O problema não é desses que não tenha solução adequada, desde que as nossas elites e os nossos burgueses, à custa de cuja passividade e egoísmo já cedemos tanto terreno aos agitadores sociais, se disponham a sair de seu torpor e colaborar, voluntariamente, com o governo. Atente-se para o caso do México, onde o analfabetismo vai sendo eliminado espeta-

cularmente, graças à cooperação espontânea e ao patriotismo de todos os seus habitantes.

O EXEMPLO DOS OUTROS

Muitos brasileiros se espantam do progresso dos Estados Unidos em relação ao nosso. Alguns avaliam em 70 anos o nosso atraso em relação a eles. E indagam como isso pode ser, se possuímos, eles e nós, territórios correspondentes em tamanho. É verdade que o país deles é rico e acessível, o clima ameno e o homem industrioso. Mas tudo isso não bastaria para fazê-los prósperos. É preciso que se saiba que, iniciada a colonização em 1607, já em 1636 fundava-se ali o Colégio, hoje célebre Universidade de Haward, bem como escolas elementares, em todos os lugares importantes. O corpo legislativo de Massachusetts, em pleno alvorecer colonial, exigia que cada comunidade de 50 casas sustentasse uma escola. Todas as colônias recém-fundadas tornaram o ensino compulsório. Em consequência dessa difusão de cultura, ainda que elementar, aparecia, já em 1639, em Cambridge, o primeiro jornal que viu a luz do dia na América. De resto, todas as colônias americanas conheceram jornais, magazines, almanaques e até mesmo livros de mérito duradouro. A primeira biblioteca da América surgiu em Boston, em 1656, e a primeira Constituição escrita do continente, fruto da consciência amadurecida de um povo em marcha ascensional, apareceu também na pátria de Lincoln, em 1787. Às vésperas da Revolução libertadora, Boston possuía 5 jornais e Filadélfia 3. Esses foram os fundamentos, estabelecidos sobre cidadãos e não sobre habitantes, sobre qualidade e não sobre número. Hoje, com cerca de 130 milhões de habitantes, os Estados Unidos possuem um coeficiente de alfabetização superior a 99%, a tiragem anual de livros alcança a astronômica cifra de 60 milhões de exemplares e algumas de suas Universidades abrigam até 50 mil alunos.

O NOSSO CASO

Quão diferente foi a política educacional seguida, no Brasil, pelo português colonizador! Abone-se isso em nosso favor, embora tempo já tivéssemos, desde 1822, quando nos libertamos dos grilhões coloniais, de nos ressarcir dos prejuízos causados à população brasileira pelo feroz isolacionismo de espírito dos lusos, que emperravam, senão proibiam quaisquer manifestações culturais de nossos ancestrais. Enquanto que o inglês fundava as suas colônias à base de representação popular local, propiciando a todos os seus habitantes amplas liberdades de falar, de imprensa e de reunião, bem como pautando todos os seus atos pela maior tolerância civil, religiosa e racial, o português, ao contrário, centralizava o governo nas mãos de capitães-mor (mais tarde nas de Vice-Reis) nomeados pela Coroa, suprimia as liberdades, impedia a propagação de indústrias e escolas, taxava absurdamente os colonos, impunha a religião católica, enforcava os patriotas e, finalmente, na hora de fugir-lhe a presa, ainda tentava reduzir o "status" político da Nação, caso único na História! O resultado é esse lastro de ignorância e de minoridade cultural que o nosso povo carrega; ao passo que o americano, cedo educado e acostumado aos ideais democráticos, cedo amadureceu a sua consciência cívico-política, alargou o seu espírito e passou a bater-se por um "standard" de vida mais alto, em todos os sentidos. Os problemas de educação e cultura, não há dúvida, estão intimamente ligados ao progresso e ao sistema político que a Nação aceita. Cada avanço na derrubada dos ideais democráticos corresponde a um retrocesso na marcha para o progresso de um povo. Cada tirano, cada déspota que sobe, cada liberdade que se suprime corresponde a um passo atrás, a uma luz que se apaga na consciência da Nação. É como se negra e duradoura noite descesse sobre o país. As artes, as belas-lettras e as ciências se estagnam. Ao contrário, cada liber-

dade que se restabelece, cada reafirmação dos ideais democráticos corresponde a um passo à frente, à volta da maré avassaladora ao leito profundo da civilização verdadeira. Eis porque devemos todos prestigiar agora as providências do governo tendentes a eliminar a ignorância em nossa terra. Mais, ainda. Cooperar ativamente nessa benemérita campanha de alfabetização de adultos, destinada a trazer grandes repercussões para a nossa Pátria. Devemos ganhar agora, em velocidade, o que perdemos em tempo. O exemplo do Japão feudal, levantando-se, em 50 anos, às culminâncias de potência de 1ª ordem, é exemplo de possibilidades que não devemos perder de vista. Porém, nesse caminho de recuperação, não devemos nos ater à pura e simples alfabetização dos adultos. Não bastam indivíduos alfabetizados, mas, sim, cultos. Devemos procurar ampliar os conhecimentos dos já alfabetizados, propiciando-lhes meios de alargar a sua perspectiva intelectual. Entre esses meios, situa-se o livro barato.

SEM LIVROS NÃO HÁ CULTURA

Com efeito, é simplesmente assustante e inacessível o preço do livro no Brasil. Questão de preço de papel, de direitos de importação, de interesses de livreiros, seja lá qual for a razão, o fato é que o grosso da população do Brasil não goza as delícias da boa leitura devido ao exagerado preço dos livros que lhe põem à venda. E se nos lembrarmos que essa população de 41 milhões de habitantes, ou melhor, de 13.292.605, que tantos são os que sabem ler e escrever, só tem à sua disposição 953 bibliotecas, das quais, ainda assim, 505 particulares, ficaremos aterrados com o que se poderia chamar de propagação da cultura em nossa terra. Iniciativas tendentes a melhorar essa situação, tais como a tentativa de estabelecimento de livros em estilo. "Pocket Book" dos americanos, devem ser encorajadas, com ou sem capitais estrangeiros e a despeito dos protestos

de meia dúzia de livreiros interessados em defender os seus capitais, com prejuízo da cultura do povo brasileiro. É preciso que divulguemos o livro, que tenhamos o "Livro de bolso", mesmo que seja impresso no estrangeiro. Num país de 70% de analfabetos, o livro não pode pagar direitos de importação e quaisquer outras taxas. Quando vemos livros monumentais como o "The Story of Mankind", de Van Loon e outros da coleção "Pocket Books" serem pagos, aqui, à razão de 7,5 cruzeiros o exemplar, compreendemos a situação privilegiada em que vive o cidadão norte-americano, em matéria de cultura e

qual a razão do progresso de sua pátria. Não falta ânimo ao brasileiro para elevar o seu espírito. Faltam-lhe, sim, recursos, diante da ganância dos exploradores do comércio de livros.

São, pois, merecedoras da mais irrestrita aprovação as medidas que o Governo vem tomando, aliás com o apóio da população, para a alfabetização dos nossos iletrados adultos, as quais virão reconduzir tantos milhões de brasileiros ao seu verdadeiro caminho criador. Só assim o Brasil poderá progredir e alcançar o destacado lugar que o seu potencial material lhe augura entre as Nações do mundo.

DA PROVÍNCIA...

Palavras proferidas pelo Subcomandante da 7ª Divisão de Infantaria e Comandante da Guarnição Militar de Natal, quando da apresentação coletiva de cumprimentos oficiais do Exército ao novo Governador do Estado, por motivo de sua posse.

Exmo. Sr. Governador do Estado :

1. Como Chefe do Executivo Norte-Riograndense, tem V. Excia., no Ritual Militar, direito a cumprimentos oficiais, por parte de Comissões de cada uma das Forças Armadas Nacionais, aqui estacionadas.

2. Por outro lado e ainda conforme o Cerimonial Militar, goza o Governador, em seu Estado, das prerrogativas honoríficas de General de Divisão, de Vice-Almirante e de Major Brigadeiro — correspondentes à sua posição protocolar e hierárquica, — em cada uma das Corporações Armadas da União Federal.

3. As Comissões de cumprimento das Classes Armadas, como estas, são mensageiras e dão testemunho de pública deferência à majestade do Poder Civil.

4. Exmo. Sr. Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia: embora isolada ou pessoalmente, nós e quicá algum dos camaradas aqui presentes, tenhamos-lo já cumprimentado, por sua alta investidura — esta é a apresentação e o pronunciamento coletivos, dos Comandantes, Diretores e Chefes desta Guarnição Militar, — ao novo Governador do Rio Grande do Norte.

5. Aceite, pois, V. Excia., em nome do Exército que serve nesta circunscrição administrativa da República, os votos dum profícuo e pacífico período governamental, que tanto se ajusta ao seu nobre passado de industrial e administrador, como às instantes necessidades da Gente Potiguar.

Natal, 10-II-951, às 10 horas.